

«Nós somos uma velha Nação que vive agarrada às suas tradições, e por isso se dispõe a custear com pesados sacrifícios a herança que do passado lhe ficou».

SALAZAR

ANO IX - N.º 234

AGOSTO

20

1961

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

IN HOC SIGNO VINCES

Já vai para sete meses que o assalto ao paquete «Santa Maria» pelo grupo de bandoeiros internacionais, chefiados por Henrique Galvão, colocou Portugal em alvo para todos os ataques e vingamentos do capitalismo macônico e do comunismo ateu, mais uma vez mancomunados, lá fora e cá dentro, para o ataque à zona do Ocidente fiel a quanto d'á carácter e conteúdo à civilização latina e cristã.

Não lhe chamamos já civilização ocidental por termos confusões, não vá o facto de Cuba ficar a ocidente legitimar o emprego do qualificativo para designar o sistema filosófico-político-e-económico situado no polo oposto...

Mas, dizíamos, vai para sete meses que Portugal está na berlinda.

O sectarismo intolerante dos que berram por liberdade para toda a gente, mas que não se conformam com que haja quem não queira adoptar-lhe os figurinos, dos que só concebem o mundo como um mercado de ciganos (que nos desculpem os ciganos)... e dos que temem em ver um mundo real pelos óculos deformantes das suas fantasias e em dirigir-lo com teorias e panaceias só aplicáveis aos fantasmas que a sua mentalidade, aérea e infantil, visiona e deseja, a tudo tem levado.

Neste século de jazz-band, Portugal passou a ser o bombo da festa na orquestra típica da

O. N. U., em que os brancos, depois de alinharem com os pretos na execução da partitura, hão-de acabar por tisnar o rosto para... nem na aparência, destoarem da maioria que criaram e alimentaram. Mas, não culpemos só o mundo alheio, pois não pequena tem sido a contribuição dos nacionais, quer elucidando-o com falsas e tendenciosas informações quer traíndo, mais indecorosa e cobardemente a Pátria, com o seu silêncio ou com a sua passividade, só por ódio a uma política, a um governo ou a um regime, acima do qual não sabem ou não querem colocar a integridade e a liberdade da Pátria.

Acusam-nos de colonialismo e de pôr em perigo a paz mundial e a gente defende-se; vituperam-nos porque reprimimos o terrorismo e a gente defende-se; a imprensa estrangeira mente e calunia-nos e só aqui ou além aparece uma missão diplomática a medo — e quase pedindo desculpa do fazer — a desmentir, em defesa...

Não será altura de passarmos à opinião?

Porque não acusamos, na O. N. U., Leopoldeville, o Senegal, a Guiné, o Ghana, etc., de permitirem incursões terroristas partidas do seu território e de fornecer armas ao terrorismo, pondo em perigo a paz internacional, aqui com real verdade?

(Continuação na 3.ª página)

O ALGARVE e o Turismo

Mais um verão chegou. E uma vez mais se povoam, tomam vida e animam as nossas praias e lago há que citar a costa algarvia. Procuram-nas os algarvios, saudosos do mar, vêm outros do Alentejo, outras de terras mais distantes e também muitos estrangeiros. Vem enfim, uma multidão atraída por este acariciador sol algarvio, por um clima ameno e um cenário deliciosamente belo. E o Algarve e o mar estão para sempre ligados. Jamais se fala num sem o outro, são inseparáveis num todo que se completa e conjuga. E o turista fixa-o como objectivo da sua máquina, com a sua máquina de filmar ou com o seu pincel em suas

(Continuação na 2.ª página)

Cartas ao Director

Ex.º Sr. Director
de «A Voz de Loulé»

Li no jornal que V. Ex.º muito superiormente dirige, que Portugal havia importado no ano findo 274.214 relógios e que apesar disso muita gente andaria atraída neste País. — Sim senhor! muitíssimo certo, inclusivamente no que se refere aos organismos que regulam e fiscalizam essa coisa da importação de relógios — talvez por falta de corda. Em verdade, entraram no nosso País vários outros milhares de relógios que não constam (nem poderiam constar) nos serviços de estatística. Esses, que são como os outros relógios e têm corda, passaram por baixo da dita. Passaram e não pagaram imposto, o que

(Continuação na 4.ª página)

Caleidoscópio

Lemos no «Diário Popular» de 28 de Julho, um vigoroso artigo, defendendo a tarifa nacional única, da electricidade idêntica à da cidade do Porto, pondo-se côntra à injustiça das tarifas regionais.

Criticou o articulista os inconvenientes de termos campanhas produtoras de energia, companhias distribuidoras e companhias fornecedoras, de alta e de baixa tensão, abundância improdutiva por manifestamente prejudicial ao objectivo da política eminentemente social e patriótica que levou o Governo à grandiosa obra das barragens.

Nunca sistema curioso de trocas de força eléctrica, vivem em estreita interdependência, e, todos, economicamente, muito bem.

Aludindo às grandes companhias, verifica-se que os seus lucros confessados («Diários do Governo» 3.ª série, de Maio e Abril de 1960):

— Companhia Eléctrica das

Dr. José António
Cardoso Bastos

Por ter sido promovido a 1.ª classe, foi colocado no 10.º Juiz Correcional de Lisboa o sr. Dr. José António Lopes Cardoso Bastos, que durante alguns anos exerceu em Loulé, com proficiência, as funções de Delegado de Procurador da República.

Endereçamos-lhe os nossos parabéns e formulamos votos por que prossiga com brilho na sua carreira.

(Continuação na 2.ª página)

Companhias Reunidas Gás e Eléctricidade, 66.513 contos (deu de dividendo, 45.457 contos).

— Chemol, 31.733 contos.

— Companhia Nacional de Eléctricidade, 27.574 contos.

— União Eléctrica Portuguesa, 29.633 contos.

Isto quanto às mais poderosas empresas pois, outras há, mais pequenas mas com lucros proporcionalmente idênticos.

«Um advogado eminentíssimo, ao apreciar, há dias, estas disparidades a que o Governo, sem dúvida, vai pôr cobro, imaginava o disparate de uma carta enviada pelo correio normal de Lisboa para o Porto custar mais caro do que se fosse mandada do Porto para Lisboa existindo também diferenças de franquia para a Guarda, Faro ou Aveiro. Não terá flagrante semelhança o caso das tarifas regionais de eletricidade?

A tarifa do Porto, estabelecida por contrato em vigor deverá pois servir de «paradigma» à criação da tão ansiada e prometida tarifa única nacional.

Excusado será dizer que aplaudimos a mãos ambas o vigoroso e patriótico artigo, parecendo-nos que, do seu autor, só por maldafe se poderá dizer revelar menos amor à causa pública por aludir às «gordas burras» de uns poucos em prejuízo de muito mais, nesta hora austera e difícil da vida portuguesa.

(Continuação na 2.ª página)

Escusado será dizer que aplaudimos a mãos ambas o vigoroso e patriótico artigo, parecendo-nos que, do seu autor, só por maldafe se poderá dizer revelar menos amor à causa pública por aludir às «gordas burras» de uns poucos em prejuízo de muito mais, nesta hora austera e difícil da vida portuguesa.

Endereçamos-lhe os nossos parabéns e formulamos votos por que prossiga com brilho na sua carreira.

(Continuação na 2.ª página)

Tomou há dias posse do cargo de Delegado de Procurador da República na comarca de Loulé o sr. Dr. Carlos Manuel Saraiva, que em Felgueiras desempenhou identicas funções.

O novo magistrado apresentou os nossos melhores cumprimentos de boas-vindas e de feliz desempenho das suas funções.

(Continuação na 2.ª página)

Assevera que «se lê» para preencher o tempo, porque não há outra coisa mais útil ou mais agradável a fazer. E exemplifica da seguinte maneira: «Se eu fosse mais robusto, e pudesse praticar desporto, não perdia tempo com leituras». E também que não leiria se pudesse preencher o tempo com mulheres, negócios ou outros interesses mais próximos do corpo. Não fiz qualquer comentário.

O outro meu amigo, o contemplativo, disse por sua vez que «se lia para recriar a vida, para saborear plenamente a docura de um instante pleno, por prazer, enfim». Também não disse nada.

Digo, agora: Em primeiro lugar, discordo da pergunta. Não se deve perguntar a ninguém «porque se lê» mas sim «porque lê você?». Cada um de nós tem o seu motivo ou motivos. A propósito da resposta do meu amigo polemista: Conheço grandes desportistas e felizes «dom juans», também conspliques homens de negócios que não deixam por «espiritos alheios» o seu tempo de

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação na 2.ª página)

Este rapsodo popular, entre tanta profissão que teve, foi também cauteleiro, em que se manteve durante muitos anos, talvez devido a viver liberto das imposições e directrizes dos chefes e patrões, inconciliáveis com a

(Continuação

IN HOC SIGNO VINCES

(Continuação da 1.ª página)

Porque não acusamos, por crimes contra a Humanidade (onde estais, oh manes de Nuremberga!?) os que acoitam e apoiam quantos, sem reburgo, se vangloriam de atrocidades no Norte de Angola, perante as quais as câmaras de gás de Buchenwald seriam misericordiosos meios de represálias? Porque não acusamos a Libéria por factos de trabalho escravo que organismos da ONU deram por malos que averiguados e estão copiosamente documentados nos seus arquivos? Porque não acusamos a U. R. S. S. de criar em Berlim uma situação explosiva, capaz de lançar o mundo no abismo de uma nova guerra?

É inútil, por ter baixado infinitamente o conceito que lá se tem de coerência, de dignidade e de justiça?

Mas o nosso silêncio não seria levado à conta de concordância, de comodismo, de medo ou de falta de razão?

O pequeno David, matou o corpulento Goliath e um garoto demonstrou, sem custo, à multidão dos asnos, dos ambiciosos e dos pusilâminos... que o rei ia ru.

Porque se não lança uma intensa e insistente campanha de esclarecimento, pelo livre, pelo folheto, pela imprensa e até por um generoso sistema de intercâmbio turístico que traga ao País, metrópole e ultramar, gente que tenha olhos para ver e língua para contar?

Será caro? Mas quanto nos custará deixar que só o tempo vá repondo a verdade onde é necessário que ela se veja, enquanto actividades inconfessáveis vão trabalhando contra o seu regresso?

Julgamos ser sinal de novos ventos a comunicação do pedido à União Indiana para consentir na execução da sentença do Tribunal da Haia.

Vamos ver os nossos amigos e irmãos, que votaram contra nós no caso de Angola, entenderem que, estando Dadrá e Nagar-Aveli integrados na União por uma lei constitucional, é ingenerância na vida de um Estado membro tratar do problema?

Que admira se, para não descreditar as aleivosias de um palhaço que chegou mascarar-se de general, se considera confidencial o relatório oficial de um embaixador oficialmente encarregado de ver e relatar!?

Parce-nos que tudo mete água e que o caminho seguido, de não colmatar o rombo e antes procurar evitar o naufrágio do navio aliviando-o, pouco a pouco, da carga, à medida que a água entra, acabará por perder tudo, incluindo o próprio barco.

É isto o que as nações ocidentais têm feito, quer nas dificuldades que a cada uma respeita (a Inglaterra, a França tudo entregaram) quer nas crises ou interesses colectivos.

Realmente, diante do perigo de uma guerra há que pensar duas

vezes, mas temos de nos lembrar que a vida não é o dia de hoje.

A vida de um homem e de uma nação é constituída pelo passado e pelo futuro. O presente é a rápida e transitória ponte entre os dois longos tempos.

Se o homem se vê forçado ao sacrifício diário de um prazer por solicitação do seu passado honesto ou para garantir o seu futuro possível, mas se impõe, às nações, cuja vida é muito anterior à da geração presente e deverá transcender a até ao fim dos tempos, não sacrificar tudo ao dia de hoje.

Nós acreditamos numa Pátria a quem, como a nossa mãe, devemos a vida e por quem, como para nossos filhos, nos cumpre garantir o futuro.

Entre o passado e o futuro da Pátria, o presente não pode conter e muitas vezes, para honrar da herança deixada pelos nossos maiores, não que jogar o todo pelo todo.

Se não fora isso, não teria havido S. Mamede, nem Ourique, nem Aljubarrota, nem 1640, nem Gil Eanes, nem Bartolomeu Dias, nem Vasco da Gama, nem Mouzinho... nem talvez Portugal.

E é porque temos fé (porque acreditamos que não vale a pena viver quando se perde a honra e que a justiça há-de triunfar) que, perante a demissão contínua e constante dos grandes, quer dos seus direitos quer dos seus deveres, teimosamente, contra tudo e contra todos, nos mantemos de pé e em luta.

Ainda que a vitória não se visse, seria criminoso ceder. A vida de uma nação como Portugal conta-se por séculos e por isso a medida dos acontecimentos tem de fazer-se com larguezas e não nos limites acanhados da vida de uma geração.

Tarde ou cedo a justiça vencerá e os erros e as traições pagam-se, quase sempre com pesados juros.

O Tio Sam já sentiu na sua carne (que é como quem diz, nos seus avôs) golpes de pirataria e outro governo, que sua democracia por todos os poros, prende e solta generais com a maior desenvoltura só porque exprimem, por palavra, discordância com o seu presidente enquanto... ferozes ditaduras se limitam, deante de factos positivos, a remete-los para o remanso dos seus lares.

Quem há ai, de boa fé e de espírito esclarecido, que não tenha a certeza que a razão, o direito e a justiça de Portugal triunfarão contra as agressões dos seus inimigos e a traição e a felonía das suas amigas?

Seria preciso não se ser português ou não conhecer a História de Portugal.

Enquanto a sua bandeira for a das quinas — e sé-lo-á sempre — tudo poderá passar mas Portugal há-de vencer — *In hoc signo vinces*. Foi prometido em Ourique.

Realmente, diante do perigo de uma guerra há que pensar duas

vezes, mas temos de nos lembrar que a vida não é o dia de hoje.

A vida de um homem e de uma nação é constituída pelo passado e pelo futuro. O presente é a rápida e transitória ponte entre os dois longos tempos.

Se o homem se vê forçado ao sacrifício diário de um prazer por solicitação do seu passado honesto ou para garantir o seu futuro possível, mas se impõe, às nações, cuja vida é muito anterior à da geração presente e deverá transcender a até ao fim dos tempos, não sacrificar tudo ao dia de hoje.

Nós acreditamos numa Pátria a quem, como a nossa mãe, devemos a vida e por quem, como para nossos filhos, nos cumpre garantir o futuro.

Entre o passado e o futuro da Pátria, o presente não pode conter e muitas vezes, para honrar da herança deixada pelos nossos maiores, não que jogar o todo pelo todo.

Se não fora isso, não teria havido S. Mamede, nem Ourique, nem Aljubarrota, nem 1640, nem Gil Eanes, nem Bartolomeu Dias, nem Vasco da Gama, nem Mouzinho... nem talvez Portugal.

E é porque temos fé (porque acreditamos que não vale a pena viver quando se perde a honra e que a justiça há-de triunfar) que, perante a demissão contínua e constante dos grandes, quer dos seus direitos quer dos seus deveres, teimosamente, contra tudo e contra todos, nos mantemos de pé e em luta.

Ainda que a vitória não se visse, seria criminoso ceder. A vida de uma nação como Portugal conta-se por séculos e por isso a medida dos acontecimentos tem de fazer-se com larguezas e não nos limites acanhados da vida de uma geração.

Tarde ou cedo a justiça vencerá e os erros e as traições pagam-se, quase sempre com pesados juros.

O Tio Sam já sentiu na sua carne (que é como quem diz, nos seus avôs) golpes de pirataria e outro governo, que sua democracia por todos os poros, prende e solta generais com a maior desenvoltura só porque exprimem, por palavra, discordância com o seu presidente enquanto... ferozes ditaduras se limitam, deante de factos positivos, a remete-los para o remanso dos seus lares.

Quem há ai, de boa fé e de espírito esclarecido, que não tenha a certeza que a razão, o direito e a justiça de Portugal triunfarão contra as agressões dos seus inimigos e a traição e a felonía das suas amigas?

Seria preciso não se ser português ou não conhecer a História de Portugal.

Enquanto a sua bandeira for a das quinas — e sé-lo-á sempre — tudo poderá passar mas Portugal há-de vencer — *In hoc signo vinces*. Foi prometido em Ourique.

Realmente, diante do perigo de uma guerra há que pensar duas



Mesmo pelo telefone (216)

V. Ex.ª pode encomendar á

GRÁFICA LOULETANA

Todos os impressos de que necessite, na certeza

DE QUE SERÃO EXECUTADOS COM

PERFEIÇÃO — ECONOMIA — BOM GOSTO

A PROPÓSITO de uma significativa homenagem

te chegavam a rachá-lo. Pela certa rachavam-no se fosse de plâno.

E quem se não lembra do Jogo do berlindé? Qual era o pogador que não tinha as unhas gastas pelo rocar do vidro?

E quando eram esferas? Com que orgulho os seus possuidores não as mostravam aos outros competidores?

Vocês lembram-se amigos, das «fitas» de cow-boy? Do cavalo ralo? De Tom Mix? De Ricard Dix? De Harroll e de tantos outros com que nos entretenhamos horas e horas a seleccionar, a apreciar, guardando religiosamente as melhores e rasgando as «fitas» sem serrilha?

E o cinema feito em casa do Zé de Sousa, projectado na parede da escada e o do «Osguinha» nas caves da sua residência?

E o botão? Ainda se lembram?

Parceiro que perdesse, perdia sempre o próprio instrumento de jogo, perdia o botão. E perdia-se dúzias deles!

No «pique», atirado um botão contra a parede — chama-se a isto «picar» — para cair perdo de um outro que, pelo parceiro, tinha sido também ricocheteado na mesma parede, aquele ganhava este se lhe ficasse a um palmo ou menos. Se ficasse mais distante, o outro parceiro levantava o seu botão e «picava-o» também, tentando, por seu turno, apanhar o que, nessa altura, se encontrava a «picado».

E só acabava o jogo com a falecência de um, ou com... treino de «luta livre» entre os dois.

Os inveterados jogadores, apontados a dedo, conheciam-se à legua — nos casacos não tinham botões, e nas calças só os absolutamente indispensáveis. As vezes, nem isso!

A par com a vida da brincadeira a vida seria: a doutrina e a escola.

Excelentes tempos foram esses! Lembram-se?

Na doutrina: «Dê-se a sua bênção, Sr. Prior.»

E a suavidade dos canticos:

«Queremos Deus que é nosso rei, Queremos Deus que é nosso Pai.»

Na escola: «Dá licença de... minha Senhora?»

E a página do:

— «Ó Pedro, que é do livro da capa verde, que te deu o Avô?»

E depois a compassada e fixa...

E depois a compassada e energente lenglenga: 2x1, dois; 2x2 dez... e assim por diante até 2x10, vinte.

Volta-se ao princípio, repete-se uma, duas, e mais vezes, até ficar na cabeça.

Fixado o 2x1, seguia-se o 3x1 trés; 3x2, seis; 3x3, nove; 3x4, doze; 3x5, quinze... e assim por diante até 3x10, trinta.

Também se voltava ao princípio, também se repetia, até se obter o mesmo fim, e passava-se a outros números, terminando-se com o 9x1, nove... ao 9x10, noventa.

Nunca mais esqueciam os «vezes um» os «vezes dois», os «vezes três», e os outros «vezes», como nunca mais esqueciam as histórias que a Sr. Professora contava, desanuviando os alunos da cantarola lenglenga.

E para muitos de nós esta lenglenga foi ouvida na saudosa escola da «Passarinha», ali no Largo da Graca, onde gerações sucessivas aprenderam a soletrar as primeiras letras.

E o pobre do Caraça, quantas vezes não teve que mandar reconstruir a parede que não malosamente derrubavamos?

E os desafios de futebol, com bolas feitas de meias? As «guerras» que travavam com «espadas» de madeira, em movimentadas correrias? E que mal havia num «gal» na testa se uma moeira era «remédio santo» e depois utilizada em proveito próprio?

E as «pescas» que fazíamos no Ribeiro, onde havia de tudo menos peixe? Quantas travessuras cometemos, quantas arrelias não demos aos nossos pais com as nossas diabururas feitas nas ruas, nas casas por construir nos tanques dos arredores da vila...

Bulos e despreocupados tempos que nem os nossos filhos já conhecem porque têm preocupações que não chegam a sentir. Começam mais cedo com os «flirts», temem a televisão, o cinema, o bilhar, «snuker» e outras «ocupações» menos ativas, porque os tempos agora são propícios a menos ação.

Eis aqui um livro que particularmente nos interessa, pelo que de elucidativo contém, em relação a uma actividade económica, que tão vasta repercussão teve nesta região. É seu autor o Dr. António de Sousa Pontes, um homem a quem a linda Quarteira tanto deve, e no presente estudo analisa com precisão histórica os antecedentes, o momento culminante dos descobrimentos e sua influência nesta cultura entre nós e o respectivo desenvolvimento, frisando nomes e factos, com bases em documentos históricos. Fica assim assinalada, e de maneira brilhante a presença de Quarteira no itinerário histórico da vida do Infante D. Henrique no Algarve.

J. M. P. B.

O Monumento e a Comissão

(Continuação da 1.ª página)

seus favores ou a honra da sua consideração não foram de molde a pautar particular dedicação.

Devíam-nos-lhe o respeito e a consideração, como cidadão de Loulé, bastantes para justificar o esforço possível, todavia, com certo pesar, constatámos o desinteresse de alguns que tanta gala e ostentação fizeram da honrosa amizade, em vida, claro está, do Dr. Bernardo Lopes!

3. Coincidindo com essas demissões, algo bizarro, começaram a surgir na «Voz de Loulé» alguns vigorosos artigos, de ataque à Comissão, aparentemente votados a levar aos leitores as impressões dos articulistas.

E, pouco mais:

Nunca chegamos a compreender, com clareza, o objectivo de tal campanha.

Pois se os articulistas conviam, dia a dia, com os componentes da Comissão, mal se compreende tal campanha de caneta, por parte de quem nunca se lhe dirigiu, ou ao que dela restava, com uma sugestão, com um conselho, da boca ao ouvido. Nada disso. Apesar muitos artigos, com os nomes dos autores bem destacados, chispantes de tesuras, como se os da Comissão em exercícios pudesse tivessem que ser imolados em holocausto dos ditos artigos.

E o espantoso foi que, algumas pessoas, embaladas pelo entusiasmo de sensacionalismo da doentia campanha, por um pouco que não secundam o ambiente de *quererens quem devoret* (buscando presa). Palavras de S. Pedro para caracterizar o Demônio).

Por curiosa coincidência, na altura, ainda não haviam contribuído para o monumento, só o fazendo quando os da Comissão lhe fizeram o pedido formal. No entanto, a campanha estava lançada com a informação de quem recebia as dívidas...

Não há dúvida que a impaciência ou vaidade transvasaram, despidamente, os cadinhos normais.

A Imprensa, é, na verdade, uma força de respeito mas cremos que jamais se bateu apenas por vaidade, e, no caso concreto, para concluir:

«O monumento fez-se, graças a nós!»

Até porque, não há memória de, com artigos de jornal, se conseguir fazer qualquer monumento, grande ou pequenino...

4. Desta forma e, pelo mais que adiante se arrazoar, reputamo-nos pouco feliz a afirmação contida, no último número deste jornal:

«A princípio estagnou, tendo sido necessário sacudir a comissão respeitiva de uma modorra ou de um aparente não te rales que esteve quase... à prova de bala, das muitas que desta gazeta vários admiradores do nomeado iam disparando!»

As razões estão à vista:

Se o monumento foi construído graças à generosidade dos particulares, também é verdade que, ao fim de pouco tempo, a comissão ficou reduzida aos senhores Manuel Guerreiro Pereira, João Farrajota Alves, João Valadares de Aragão e Moura, Joaquim de Piedade Coelho e, ao signatário.

Foram estes que calcularam alguns quilómetros para falar à generosidade de cada qual, no que fôr em generalidade bem recebidos. Ouvimos algumas respostas como «passe por cá outro

tel

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Agosto:

Em 18, o menino João Manuel Rodrigues Guerra.

Em 20, o menino José Manuel Ascensão de Sousa Martins.

Em 21, o sr. Cândido Vieira Coelho e a menina Dora Maria Serafim Campina.

Em 22, o sr. Joaquim Hipólito Pinto Lopes, nosso prezado conterrâneo, residente em Lisboa e a sr. D. Maria Filipe da Conceição Contreiras, residente na Veneza.

Em 23, o sr. Francisco Lopes Madeira, residente em Vila Real de Santo António, e a menina Dina Maria Santos Guerreiro.

Em 24, as meninas Diamantina Antonina Baeta, residente em Almancil e Dora Bela Viegas Guerreiro Casanova.

Em 25, a sr. D. Maria Guiomar Alferes Martins, a menina Aura Maria Martins Farrajota e o menino Joaquim José Gonçalves de Brito da Mana.

Em 26, o sr. José de Sousa Vairinhos, residente na Venezuela e a menina Maria Clotilde Fernandes, residente em Almansil.

Em 27, o sr. José Maria Carvalho.

Em 30, a sr. D. Lídia Martins Seruca Machado, residente em Lisboa, e os srs. Manuel Bento Guia, residente em Grândola; Humberto Carapeto Melena, Faustino José Pires e José Martins Rainha, residente em Faro.

Em 31, a menina Raimunda Maria Garcia Lourenço.

Fazem anos em Setembro:

Em 1, as meninas Olga Margarida Pires de Barros, Maria Emilia Costa Mendes, Ana Maria Oliveira e Sousa, as sr. D. Maria Margarida Polainas Bolotinha, D. Joana dos Santos da Mata Pereira, residentes em Lisboa, e o sr. Amílcar Barros Carrilho.

Em 2, o sr. Dr. Mário da Costa dos Santos Vaz e a sr. D. Lúcia Dias Coelho Cabanita.

Em 7, a sr. D. Maria das Dores Dias Anastácio, o sr. José Dias Pereira, residente em Lisboa e o menino João Francisco Caracol Castanho.

Em 8, a menina Maria Alda Cavaco da Sousa.

PARTIDAS E CHEGADAS

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso estimado assinante sr. Manuel Guerreiro Viegas, funcionário do 6.º Juiz Correcional, em Lisboa.

Acompanhado de sua tia, sr. D. Josefa Martins Barroso regressou de Villanueva de los Castillejos, a menina Quitéria Júlia Torrejo Martin.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção a sr. D. Maria dos Santos Trindade,

Cartas ao Director

(Continuação da 1.ª página)

e dizer que teriam deixado de entrar nos cofres do Estado alguns milhares de contos — o que me parece um grande atraso. Aliás todos andamos atrasados neste capítulo de relógios, — todos, os que os transactionam dentro da legalidade, porque os outros, muitíssimos mais do que estes, andam vinte e quatro horas por dia, e, por isso que proliferam em todos os cantinhos, sem empecilhos nem imposto de consumo.

Que grande história é esta dos relógios! Que grande mistério são os relógios, senhores, ou vice versa; e como trabalham bem, sem nada a impedir-lhes a marcha gloriosa para a hora certa em qualquer ponto! E como são bonitos os maganéssos! E tanta que são os relógios... de pulso, de algibeira, de sala, brancos, amarelos, os riscos se riscas... de carteira, de mesa, de escritório, relógios de ponto, automáticos, electrónicos, despertadores... — Ena! tantos despertadores que não acordam ninguém.

Relógios em toda a parte — nas ruas, nos cafés, à sombra, nas camionetas de carga que passam à porta das repartições, nos cais, não cais, nas estações e... nas barbas de toda a gente!

Como é então que seriam apenas os tais 274,214 que fariam tal inundação? Como é que nos afiguramos em relógios se fossem tão pouquinhos?

Realmente, o atraso a que se refere o vosso jornal é muito mais atraso do que aquele que se pode computar com esse número, exactamente como se aferre de que se tem dito no «Diário Popular».

Que grande história é esta dos relógios...! E quem dará corda a tantos... Que grande corda...! O que vale é que não mordem. Não mordem, isto é, mordem a alguns poucos mas engordam muitos. Que grande corda...

E todavia, tecnicamente, não se diz corda — diz-se mola.

Entretanto não temos outro remedio senão andar atrasados.

Com os cordialíssimos cumprimentos do

Fernando Laginha

Loulé, 8 de Agosto de 1961.

nossa dedicada assinante na Amadora.

— Em gozo de férias, encontra-se em Loulé a sr. D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira.

— Em gozo de férias, e de visita a seus pais, encontra-se em Loulé a nossa conterrânea sr. D. Maria Apolinária Macias Marques, professora do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso prezado conterrâneo e assinante em França sr. José Pinguinha Guerreiro, que se fazia acompanhar de sua esposa, Me. Denise Guerreiro.

— Acompanhado de sua esposa sr. D. Silvina Calado e filhos Guilherme Eurico, Carlos Alberto e Maria Isabel, encontra-se em Loulé em gozo de férias o nosso conterrâneo e prezado assinante sr. Guilherme Calado, funcionário do Banco N. Ultramarino na cidade da Beira (Mocambique).

— Em gozo de férias, encontra-se em Quarteira na companhia de seu filho e esposa, a nossa conterrânea sr. D. Maria Isidra Rocha Contreiras Cantante, o meretíssimo Juiz em Vila Real de Santo António sr. Dr. Augusto Valente Cantante, nosso prezado amigo e assinante.

— Acompanhado de sua esposa, encontra-se a veranear na Praia de Quarteira o nosso estimado amigo sr. João Boto Correia, que durante alguns anos foi Delegado Escolar em Loulé.

— A passar uma temporada em Loulé, está entre nós a nossa conterrânea e estimada assinante sr. D. Irene de Sousa Nunes Pereira, residente em Paris.

— Com sua família, encontra-se a veranear em Albufeira o nosso prezado amigo e assinante sr. José Teixeira Faisca, chefe da Secretaria Judicial de Loulé.

— Vimos em Quarteira, onde está a passar o Verão, com sua família, o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa sr. Eng. José Martins Rufino.

— Em gozo de férias, esteve em Quarteira com sua família o nosso estimado amigo em Lisboa sr. Engenheiro Joaquim Laginha Serafim.

— Também está a férias em Quarteira, com sua esposa e filha, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. Joaquim Ramos Urbano.

— Acompanhado de sua esposa sr. D. Maria das Dores Correia Guerreiro e de seu filho Jorge Manuel, encontra-se a veranear na praia de Quarteira o nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Rodrigues Guerreiro, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta redacção a sr. D. Maria dos Santos Trindade,

FALECIMENTO

De doença súbita, faleceu em sua residência no passado dia 31 de Julho a sr. D. Maria da Assunção Caracol, de 67 anos de idade, esposa do sr. Mariano de Sousa Rosa e mãe das sr. D. Maria da Conceição de Sousa Caracol Gema, D. Zulmira Caracol de Sousa, D. Damásia de Sousa Caracol e do sr. Firmo Caracol de Sousa e irmãos dos srs. José da Piedade Caracol, Francisco da Piedade Caracol e João da Piedade Caracol, residente em França, e sogra do considerado comerciante da nossa praça sr. Jorge Marinha Gema e avô dos membros Aristides Jorge de Sousa Gema e Magna Maria de Sousa Gema.

A família enlutada endereça os sentimentos de condolências.

Serviços dos Correios

A Administração Geral dos C. T. decidiu elevar a classe dos postos de correio de Bordeira (Aljezur) Barranco do Velho (Salir) e Alferse (Monchique), dando assim possibilidades às respectivas populações de, em local, beneficiar do serviço telegráfico, de encomendas postais (Bordeira), bem como do de valores declarados, único meio de permitir fundos com localidades onde não existem estações dos C. T. T.

Os horários destes postos são os seguintes:

Bordeira e Alferse — das 9 às 13 e 14 às 18 nos dias úteis e das 10 às 12 aos domingos e feriados.

Barranco do Velho — das 8 às 20 nos dias úteis e das 9 às 13 aos domingos e feriados.

Realmente, o atraso a que se refere o vosso jornal é muito mais atraso do que aquele que se pode computar com esse número, exactamente como se aferre de que se tem dito no «Diário Popular».

Que grande história é esta dos relógios...! E quem dará corda a tantos... Que grande corda...! O que vale é que não mordem. Não mordem, isto é, mordem a alguns poucos mas engordam muitos. Que grande corda...

E todavia, tecnicamente, não se diz corda — diz-se mola.

Entretanto não temos outro remedio senão andar atrasados.

Com os cordialíssimos cumprimentos do

Fernando Laginha

Loulé, 8 de Agosto de 1961.

A PROPÓSITO de uma significativa homenagem

Apesar do materialismo da nossa época estar fazendo esquecer o que a alma humana alberga de melhor e mais sábio, impulsionando a que cada um pense cada vez mais em si próprio, desprezando o valor da gratidão e da verdadeira amizade, ainda surgem centenas de puro sentimentalismo a proclamar que no fundo de cada um de nós ainda se não apagou totalmente o apego às coisas e pessoas que mais directamente nos prendem aos tempos da infância.

Não admira por isso que tenha resultado tão simpática a reunião realizada no dia 6 de outubro entre os alunos da muito querida professora sr. D. Leonilde Centeno Carrilho para festejarem as suas «Bodas de Prata» do exame de 1.º grau.

O almoço, realizado no ambiente acolhedor das «Duas Sestinas», foi de confraternização entre os que frequentaram a 4.ª classe no ano de 1936, foi também entre os que frequentaram a 4.ª bém, e principalmente, uma toante homenagem à professora dedicada e amiga que, com a bondade e paciência que ainda hoje são suas características, lhes ministraram as primeiras letras e lhes rasgou o espírito à cultura.

Quem passou 50 anos a ensinar as primeiras letras e soube viver com verdadeiro amor a nobre profissão que escolheu, é bem digna de homenagem prestada pelos seus ex-alunos de 1932/33 que assim lhe fizeram viver os momentos mais emocionantes da sua vida. E isso «ela-se» nos seus olhos, ouvia-se na sua voz, notava-se no seu semelhante.

Pode dizer-se, pois, que a festa resultou plenamente até porque foi possível reunir 17 dos 29 alunos que fizeram parte da turma, percentagem bastante elevada se atendermos a que já decorreram 25 anos e que entretanto a maioria rumou o seu futuro para longe da terra natal.

A sr. professora D. Leonilde Carrilho não seria possível reconhecer — 25 anos depois — aqueles que entre os 7 e os 11 anos foram seus alunos, mas isso não obstante a que se sentisse verdadeiramente «em família» e a todos teste-

munhasse a sua indelevel gratidão por uma homenagem que tão profundamente a comoveu pela espontaneidade e pelo ineditismo que a caracterizou.

Durante o almoço, que decorreu num ambiente de verdadeira confraternização, vários componentes do grupo usaram da palavra para se regozijarem com a iniciativa, e saudarem a sua professora, recordando os belos e já saudosos tempos da escola primária.

No final da tocante e significativa homenagem, foi entregue à sr. D. Leonilde Carrilho uma valiosa salva de prata com uma inscrição a assinalar o acontecimento. Procedeu a esse gesto, em nome de todos os ex-alunos participantes, o filho do sr. José Mendonça que, por estar ausente do País, não pôde comparecer.

Estiveram presentes ao almoço os srs. António Brito Barracha, Américo Guerreiro Amado, António Luís Laginha Ramos, Francisco Leal Farrajota, Francisco Elias Garcia, Francisco da Cruz Mendes, Francisco da Silva Barreiras, Carlos Martins Gomes, Eng. Julio Cristovão Mealha, Manuel Maria Rosa Guerreiro, Manuel Izidoro da Piedade, Manuel Farrajota Bernardo, José Martins Laginha, José Rocha, José Ramos Nascente e Vivaldo Mendes Viegas.

Não fomos componentes do grupo porque a nossa professora foi a sr. D. Adélia Filho, mas somos praticamente da mesma idade e por isso vivemos a mesma época, as mesmas alegrias, as mesmas emoções, as nossas brincadeiras.

Vocês lembram-se, amigos, das nossas brincadeiras?

Lembram-se do plão? Havia-os de vários feitos e qualidades: largos ou compridos, rumbados ou bicudos, de nogueira, de amieiro e até de pinho. Estes, os de pinho — coitados — pareciam mesmo de «crystal»!

E havia exímios e afamados jogadores que atiravam os plões com o ferrão para cima! Os plões voltavam-se no ar e zuniam. Se caiam em cheio sobre o «dorme-

(Continuação na 3.ª página)

Tenazinha e a Volta a Portugal

ção final devido a acidente que, na véspera, o atirou para lugar pouco compatível com a sua categoria.

Não importa. O futuro dar-lhe-á muitas mais e boas possibilidades para demonstrar o seu valor que é real e indiscutível.

O resto da equipa teve actuação mediocre. Que aproveite a lição e se tirem os necessários ensinamentos, em ordem a só consentir que as camisolas de Louletano sejam envergadas por ciclistas cujo valor nos não diminua pondo-se assim cônbro ao facto de serem atletas do Louletano os primeiros a serem excluídos da prova.

Assim foi o ano passado e também no presente.

Com poucos e bons, sim. Jamais com muitos e inferiores ou mal preparados.

Ponha-se os olhos em Tavira e atente-se nos frutos de uma preparação cuidada e com longa antecedência.

Poderemos fazer também o mesmo pois matéria prima não falta:

O Zé de Vale d'Eguas, Besorinho e Paulista, são promissores esperanças.

Para a frente, Louletanos!

«Um de Loulé»

Alte anseia progredir

Em cada ano se avoluma mais e mais a necessidade de ser construído um passadiço na Ribeira de Aguas Frias, pois é verdadeiramente desolador o isolamento em que vive a população dum vasta área da freguesia de Alta.

Quando a corrente da ribeira é caudalosa, o isolamento é completo por vários dias, o que torna impossível acudir a alguém que esteja doente ou proceder a enterros, pois até já aconteceu ter sido arrastado pela corrente um caixão e o burro que o transportava.

A população de Aguas Frias e Torneiros roga às autoridades que superintendem nestes serviços que providenciem urgentemente a construção do referido passadiço, ilavrando-o do pesadelo que representa o seu isolamento.

Por certo que a população colaborará na efectivação dessa obra, como aliás é característica dos habitantes da freguesia de Alta, cuja contribuição para obras de interesse público tem sido notória.

Devido a essa colaboração, ainda muito recentemente foi possível reparar um traço de estrada desde a saída de Alta até à estrada para o cemitério, outro tanto acontecendo com o calceteamento de uma rua de Benafim Grande.

O dinheiro para estas obras foi obtido na festa da Fonte Grande, realizada em Alta no dia 1.º de Maio, a qual tem permitido efectuar muitos outros melhoramentos de interesse público e ajudado a transformar Alta numa das mais mimosas aldeias da província.

E a propósito convém frizar que por detrás dessas festas, dessas obras que em Alta se tem realizado, há um homem que preconiza o que deve fazer-se, que agita idéias, que promove festas, que derruba dificuldades e incansavelmente trabalha por um ideal: o progresso da sua aldeia

O novo Jardim dos Pequeninos está em via de conclusão. Já se faz ideia do que será, com a sala de diversões a acrescentar aos múltiplos encantos do seu antecessor, que fizera